

FONTE : FSP

CLASS. : 622

DATA : 22 10 87

PG. : A-3

A conspiração contra os ianomamis

FAY HAUSSMAN

Será que os ianomamis ainda estarão vivendo nas lindas colinas de Roraima se eu quiser visitá-los no ano que vem? Ou quem sabe terão sido eles removidos e situados em outro lugar, "interiorizados" como o deputado Hélio Campos, de Roraima, propôs alguns anos atrás, preocupado com a grande ameaça que esse povo da idade da pedra com suas flechas de madeira pudesse representar para a segurança nacional do Brasil? Uma preocupação que parece ter ganhado corpo de novo, mas dessa vez em São Paulo, em torno de uma alegada conspiração entre católicos austríacos e organizações protestantes norte-americanas, sociedades de proteção a etnias da França, Dinamarca e Inglaterra, o Banco Mundial, o Cimi, os missionários estrangeiros trabalhando no Brasil — todos juntos, unidos, para tentar impedir os garimpeiros e mineradores brasileiros de buscarem ouro, diamantes e cassiterita nas terras tribais indígenas, especialmente as dos ianomamis.

Para alguém que esteve em Roraima faz algum tempo, essa nova teoria conspiratória paulistana soa como um eco daquelas absurdas ameaças que circulam há anos entre os próprios roraimenses.

Boa Vista, a capital de Roraima, é uma agradável cidade com suas avenidas principais emergindo de uma espaçosa praça central. No centro da praça está o símbolo mais grato de Roraima: uma monumental estátua de um garimpeiro, provavelmente a caminho da Serra do Surucuru, onde uma riquíssima mina de cassiterita jaz em inconveniente proximidade com malocas ianomami. Pouco preocupados com a proibição legal de qualquer garimpagem ou mineração em áreas indígenas, algumas centenas de garimpeiros conseguiram, entre 1976 e 1977, infiltrar-se em Surucuru e extrair de lá quase mil toneladas de cassiterita de

alto teor, e providenciar dez meses dourados ao comércio de Boa Vista. A mina foi fechada ante a iminência de choques entre garimpeiros e índios ianomamis.

Para uma "outsider", os roraimenses não devem ter razões para se sentir frustrados. Seu território é vasto; um bom terço de seus 23 milhões de hectares é adequado para a pecuária e agricultura e menos de sessenta mil pessoas vivem neles. Cerca de 31 mil deles são índios, descendentes dos habitantes originais do território. Mesmo assim os fazendeiros protestaram quando há poucos anos, a Funai começou a demarcar dez áreas adequadas, ainda que insignificantes, para várias tribos, sem incluir os oito mil ianomamis que vivem nas remotas florestas tropicais ao longo da fronteira com a Venezuela. Protestos ainda mais fortes, generalizados e insistentes acolheram as notícias, três anos atrás, que a Funai estava encaminhando às autoridades responsáveis a proposta de criação do Parque Indígena Ianomami, em Roraima e Amazonas, que vai interditar mais de um terço da área total do Território, e justamente a parte riquíssima em minérios.

Muitos roraimenses parecem desprezar seus índios que, em consequência, se envergonham de serem índios. Tive uma amostra disso no Posto da Raposa, uma reserva macuxi, onde há um posto da Funai. O posto era uma escola, onde as crianças macuxis eram ensinadas somente em português. As crianças vestiam uniformes, calças ou saias cinza, camisas azul. Essa miragem de uma Copacabana-macuxi era completada pelo chefe macuxi que me explicava que ele poderia ser tudo para todos os homens: um bom macuxi para agradar os membros mais tradicionais da tribo, um macuxi eficiente para ensinar aos outros melhores mé-

todos de cultivar a terra, e um obediente e grato macuxi de modo a não antagonizar os fazendeiros "brancos" em torno dele, e particularmente o guia que me acompanhava, que pertencia a uma das famílias mais antigas de Boa Vista.

Quem não gosta de índios, odeia missionários, e particularmente os missionários estrangeiros que se encontram em todas as reservas indígenas em Roraima e que fazem muito do trabalho que a Funai deveria fazer, mas simplesmente não pode fazer. Tantos os católicos como os protestantes hoje vêem como sua principal missão a necessidade de preparar os índios, da melhor forma que puderem, para enfrentar o mundo externo, sem destruir suas peculiaridades étnicas. No posto de Mucajaá, por exemplo, onde a Missão Evangélica da Amazônia, Meva, trabalha com os xirixaná/ianomamis desde 1958, foram eles os primeiros missionários a registrar o dialeto xirixaná numa língua escrita. Cinco missionários — um norte-americano e dois jovens casais brasileiros — durante anos deram classes diariamente, em xirixaná, a jovens ianomamis, e faz pouco tempo começaram a ensinar aqueles que já tinham aprendido xirixaná, a ler e a escrever também em português.

Para meu alívio, eles não tinham nenhum plano de ensinar inglês aos ianomamis. Em 1980, um deputado do Paraná, voltando de uma visita ao mais rico fazendeiro de Roraima, acusou, no Congresso Federal, os missionários americanos de ensinarem a língua inglesa às crianças indígenas "o que sugere a formação de quistos de nacionalidade estrangeira, quem sabe, para no futuro, elegerem ocupação efetiva e pacífica de estrangeiros em detrimento da soberania brasileira?"

Essa asneira cai como uma

luva na nova teoria conspiratória, tão bem quanto a recente acusação de "subversão" aberta. Os missionários estrangeiros estão hoje sendo acusados de tentar instigar os dezesseis mil ianomamis que vivem no Brasil e na Venezuela de se separarem de ambos os países e criarem sua própria nação ianomami, "politicamente autônoma". Sem dúvida alguém — na Austrália? — colocou esse "plano" no papel e "estudos" irromperam por toda a parte, muito similar aos estudos freneticamente preparados, durante várias décadas, em Mérida, Iucatã, para como fazer que os dois milhões de Mmias no México e na Nicarágua obtivessem sua "independência nacional" e seu estado autônomo. Muito pouco provável. E, até mesmo para alguém que passou apenas poucas horas com um grupo ianomami, a idéia é ao mesmo tempo engraçada, e triste.

Pode ainda levar algum tempo para que as formalidades para a criação do Parque Indígena Ianomami sejam completadas, e enquanto isso os primeiros contingentes do novo projeto Calha Norte já começam, segundo se noticia, a chegar em Roraima e a expandir a base aérea em Boa Vista. Um dos campos de pouso, perto da fronteira com a Venezuela, que agora está sendo modernizado e equipado pela Aeronáutica brasileira, fica bem perto de um grupo de malocas ianomamis. Vai ajudar pouco que a Igreja e os antropólogos continuem a se opor a um projeto que eles não podem impedir. E também não está totalmente claro até quando os ianomamis serão capazes de manter os garimpeiros e os mineradores fora de suas terras tribais.

Será que os ianomamis poderão sobreviver?

FAY HAUSSMAN é brasileira e coordenadora do Seminário sobre o Brasil na Universidade de Colúmbia (EUA).